

A EXPANSÃO CHINESA NA ÁFRICA: COMÉRCIO, INVESTIMENTOS E FLUXOS FINANCEIROS

Valéria Lopes Ribeiro¹

Resumo

O continente africano afirma-se recentemente como uma importante fronteira de expansão para a China, seja pela vasta disponibilidade de recursos naturais, seja pelo potencial de mercado consumidor para os produtos chineses. A partir de uma articulação estratégica que une instituições financeiras, empresas estatais e governo, a China aproxima-se cada vez mais dos países do continente. O artigo apresenta os traços gerais da expansão chinesa na África nos anos recentes relacionada ao aumento dos fluxos comerciais, investimentos externos diretos e fluxos financeiros.

Palavras-Chave: China; África; Comércio e Investimentos; Fluxos Financeiros

Classificação JEL: F15; F54

1. INTRODUÇÃO

A China é atualmente a segunda maior economia do mundo, com PIB total alcançando os 12,4 trilhões de dólares em 2012². Essa posição refere-se principalmente ao peso da economia do país no comércio mundial. Responsável por 8% do fluxo de comércio global a China vem ao longo dos últimos anos afirmando-se como superpotência exportadora e também como grande importadora mundial, principalmente de produtos primários. O comércio externo tem sido um pilar fundamental do crescimento econô-

¹ Professora Adjunta do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Economia Política Internacional (PEPI-IE/UFRJ). E-mail: val_ribeiro@yahoo.com.br

² Atrás dos EUA com 15,7 trilhões de dólares em 2012, baseado no produto doméstico bruto, segundo a Paridade de Poder de compra. (IMF, World Economic Outlook Database, 2013).

mico do país desde o período de transição, no início dos anos 80, quando Deng Xiaoping implementa uma série de reformas econômicas, incluindo a criação de Zonas Econômicas Especiais.

A expansão das exportações e o atendimento à demanda por importações de bens primários são fundamentais para a continuidade do crescimento e manutenção da estabilidade interna do país e para a própria legitimidade do poder do Partido Comunista Chinês. (TAYLOR, 2009; RIBEIRO, 2013).

Embora os principais parceiros comerciais ainda sejam as economias centrais como Estados Unidos, Europa e Japão, para onde a China exporta a maior parte dos artigos manufaturados, os países em desenvolvimento vem ampliando suas relações comerciais com a China, tanto através da expansão das importações de produtos manufaturados, como através do aumento das exportações de artigos primários.

Entre os países em desenvolvimento, os países africanos vêm se apresentando ao longo dos últimos anos como grandes parceiros comerciais da China. Principalmente a partir de 2000 as exportações africanas para a China aumentam substancialmente, contribuindo para a expansão das rendas de exportação de diversos países do continente.

Além de se afirmar cada vez mais como um polo fundamental do comércio mundial, a China vem se tornando um grande investidor global. Mesmo que os investimentos do país correspondam a uma parte pequena dos IDEs globais (o país é o 50º maior investidor externo) o ritmo dos investimentos chineses aumenta consideravelmente nos últimos anos. Em 2010 o fluxo de IDE totais chineses para o mundo foi de US\$ 68.811,31 bilhões de dólares. (MOFCOM, 2010).

Os investimentos diretos chineses na África também vêm crescendo. De 2004 a 2010 o crescimento dos IDEs foi de mais de 500%. (*Statistical Bulletin of China's Outward Foreign Direct Investment*, vários anos).

Além de parceiros comerciais e de receptores dos IDEs, os países africanos também vêm se estabelecendo como importante destino de grandes quantidades de fluxos financeiros chineses, através de créditos e empréstimos concedidos aos governos africanos a partir das instituições financeiras chinesas, como o EximBank³.

³ O Eximbank é o maior banco de exportação e importação chinês de propriedade estatal e que opera a serviço do governo, realizando empréstimos, oferecendo garantias, créditos à exportação e cancelamento de dívidas.

Seja a partir das relações comerciais ou financeiras a China vem se aproximando cada vez mais dos países africanos nos últimos anos. A partir de um imperativo interno relacionado à necessidade de acesso aos bens primários, a China articula-se internamente através de esforços do governo, das instituições financeiras e das empresas estatais para aproximar-se cada vez mais da África.

Este artigo procura apresentar os traços gerais desta aproximação, através de uma descrição das relações comerciais sino-africanas, dos fluxos de investimentos diretos e fluxos financeiros chineses na África. O objetivo é descrever os traços gerais das relações comerciais e financeiras, procurando identificar os principais países com os quais a China vem ampliando suas relações comerciais, quais os produtos transacionados, as principais áreas e setores que recebem investimentos chineses, assim como os montantes de fluxos financeiros externos. O trabalho está dividido da seguinte forma além desta introdução: a seção 2 analisa as relações comerciais sino-africanas; a seção 3 traz uma análise dos investimentos diretos, os principais setores e uma descrição dos investimentos em infraestrutura; a seção 4 apresenta os fluxos financeiros e a seção 5 traz as conclusões.

2. COMÉRCIO CHINA-ÁFRICA: PRINCIPAIS PAÍSES E PRODUTOS

Como apontado anteriormente, a África vem se apresentando nos últimos anos como uma grande fronteira de expansão do comércio e dos investimentos chineses. O comércio entre toda a África e a China (importações e exportações somadas) cresceu de US\$ 10,6 bilhões no ano 2000 para US\$ 152 bilhões em 2011. Desde 2009 a China já é o principal parceiro comercial da África. (NBSC, UNComtrade, 2010; *White Paper*, 2010).

A posição que a China vem ocupando como parceira comercial não é restrita ao continente africano. Como se sabe, países da América Latina, como o Brasil, também aumentaram seu comércio com a China, ao mesmo tempo em que reduziram o comércio com as economias centrais, contribuindo para a intensificação do comércio sul-sul e para ampliação do grau de autonomia dos países em desenvolvimento em relação às economias centrais.

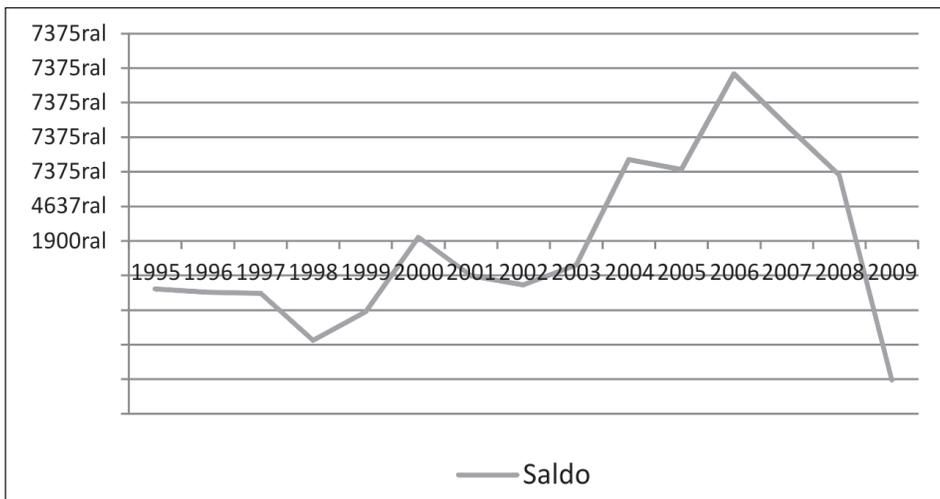
No caso da África este processo de substituição da parceria comercial vem se dando de maneira crescente. Na década de 90, as exportações africanas para

a Europa correspondiam a 40% do total exportado; em 2009 a participação caiu para 31%. No caso das exportações para China, que nos anos 90 eram praticamente inexistentes, em 2009 elas já representam 11% do total. É um aumento substancial que ocorre em um período bastante curto. (IMF, 2013; NCUBE et al, 2010; *The African Development Bank Group*, 2010).

No caso das importações observa-se o mesmo fenômeno. Nos anos 90 a participação chinesa era quase nula no total das importações africanas e a Ásia participava com cerca de 10%. Já em 2008 12% das importações africanas são provenientes apenas da China e cerca de 20% da Ásia, fato que também acompanha um declínio das importações europeias e norte-americanas.

O resultado do comércio africano com a China traduz-se em saldos positivos para a África, quando se considera todos os países do continente, principalmente a partir de 2003. Até esse ano as importações superaram as exportações, levando a déficits na balança comercial (com exceção do ano 2000), mas a partir de 2003 até 2009 as exportações crescem mais, resultando em saldos positivos que alcançam 50 bilhões de dólares. A partir de 2009 há uma queda das exportações que leva novamente ao déficit, cenário que se evidencia devido aos impactos da crise de 2008. (UNCTAD, 2011).

Gráfico 1– África: Saldo Comercial com a China (1995-2009) bilhões dólares



Fonte: Unctad, UnctadStat Database, 2011

Embora do ponto de vista da China a parcela do comércio africano ainda seja pequena quando comparada ao comércio total no mundo, o ritmo de crescimento impressiona. De 2002 a 2009 as importações chinesas a partir dos países africanos cresceram em média 35%. Em 2007 o total importado chegou US\$ 36,3 bilhões e em 2010 o valor passou para mais de US\$ 67,0 bilhões de dólares. No caso das exportações chinesas para a África observa-se também uma média de crescimento de cerca de 31% entre 2002 e 2010. (NBSC; UNComtrade, 2010).

Apesar do crescimento expressivo do comércio entre a China e África, os fluxos são bastante concentrados em alguns países, principalmente no caso das importações. Países como África do Sul e Angola lideraram o ranking dos países dos quais a China mais importa, além de países como o Congo, Guiné Equatorial e Sudão. (UNComtrade).

Já em 2000 a parcela das importações a partir de Angola no total importado correspondia a 38%, ao lado da África do Sul, com 21%. Em 2011 a África do Sul já supera Angola como maior fonte das importações chinesas no continente, com as importações representando 39% do total.

As importações chinesas a partir da África são concentradas nestes três países: **Angola, África do Sul e Congo (ou Sudão, segundo as estatísticas chinesas⁴)**. Embora haja muita variação ao longo dos anos eles mantêm a liderança no ranking dos maiores parceiros importadores na África. Além deles, países como Guiné Equatorial, Líbia e Nigéria também apresentam parcela importante das importações. Países como Zâmbia e Argélia representam pequena parcela das importações, mas não podem ser desconsiderados, principalmente pelo potencial que eles apresentam com relação à disponibilidade de recursos naturais e energéticos, como petróleo, no caso da Nigéria e cobre, no caso da Zâmbia. Como veremos posteriormente estes pequenos países tem sido destino de grande parte dos investimentos diretos chineses, dirigidos à exploração mineral e também a projetos de construção e infraestrutura.

Ainda assim não há dúvida de que as importações africanas são bastante concentradas. Em 2011 Angola, África do Sul, Líbia, Nigéria (Sudão

⁴ Embora o Sudão não apareça entre os maiores parceiros (a plataforma UNComtrade não apresenta os dados relativos ao Sudão nem o Sudão do Sul) ele aparece nas estatísticas chinesas (*National Bureau of Statistics of China*) como o terceiro país do qual a China mais importa. Desde o ano 2000 o país aparece com cerca de 20% e nos anos mais recentes com cerca de 11% de participação nas importações totais chinesas na África. (National Bureau of Statistics of China, NBSC)

- considerando os dados chineses) e Congo responderam por cerca de 82% de todas as importações chinesas no continente africano. (UNComtrade, 2011). A Tabela 1 resume estes resultados.

Tabela 1 – China: Principais países importadores da África (2011)

País	% nas importações totais
Angola	30,5%
África do Sul	39,3%
Líbia, Congo, Nigéria, Guiné Equatorial	12,2%
Outros	8%

Fonte: UNComtrade, 2013; NBSC, 2012

A alta concentração das importações chinesas a partir da África não se dá apenas com relação aos países de origem, mas também com relação aos produtos importados. As importações são principalmente de bens primários e recursos energéticos/combustíveis minerais, como petróleo e minérios, insumos essenciais no novo ciclo de expansão do país⁵.

Do total importado pela China de toda a África em 2010, 61,9% representam combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados. Nesta classificação encontram-se artigos como carvão, petróleo e gás natural⁶.

Além dos combustíveis minerais, os materiais em bruto/crus, respondem por 17,8% do total importado pela China da África em 2010. Nesta classificação encontram-se artigos diversos utilizados como matéria-prima para fabricação industrial, desde algodão, madeira, couros, peles, óleo de sementes, borracha, papel e celulose, fibras têxteis, adubo, até fertilizantes, minerais ferrosos e não ferrosos. (UNComtrade, 2011).

Como se percebe quase 80% do total das importações chinesas a partir da África representam artigos primários, principalmente combustíveis

⁵ Desde 2000 é possível identificar o que se denomina novo ciclo de expansão da economia chinesa. Após um crescimento nos anos anteriores baseado nas indústrias de bens de consumo e produtos manufaturados, no novo ciclo agregam-se e acentuam-se amplos investimentos na indústria pesada, na infraestrutura e urbanização. Investimentos em autoestrada e construção residencial associam-se ao processo de urbanização e as reformas sobre a comercialização das terras urbanas. Estes investimentos arrastaram o investimento na indústria pesada - ferro, aço, cimento, alumina, vidro e química - num amplo processo de substituição de importações e também de rápida diversificação de exportações, que também passaram por extraordinário crescimento. Além disso, o novo ciclo caracteriza-se pela expansão no mercado de automóveis, tanto na produção como no consumo. (MEDEIROS, 2009).

⁶ Esta classificação corresponde ao item 3 na Classificação SITC Rev. 3, a partir dos dados das Nações Unidas (UNComtrade).

minerais. Outros tipos de produtos mais manufaturados correspondem a uma parte ainda pequena das importações (12%). Ainda assim, apesar de serem considerados manufaturados, a maior parte são os materiais crus levemente processados (fibras têxteis, por exemplo), muito inferiores em relação aos artigos manufaturados mais elaborados, como roupas, brinquedos ou artigos eletrônicos.

De um modo geral confirma-se o interesse por parte da China no consumo de recursos primários e energéticos, dos quais a África dispõe em quantidades abundantes.⁷ (USGS. U.S. Geological Survey. 2009)

Com relação às exportações chinesas para a África há uma maior diversificação, principalmente com relação ao maior número de países envolvidos no comércio. As exportações chinesas estão mais distribuídas entre vários países africanos, todos sendo receptores de pelo menos uma pequena parcela do total exportado. A China torna-se gradativamente um grande fornecedor de artigos manufaturados para a África, em detrimento da posição tradicionalmente ocupada pelas economias centrais. Desde bens de consumo leves, como os têxteis, partes e componentes e equipamentos de transporte até bens duráveis como máquinas, carros, vans, caminhões são hoje comuns em diversos países africanos.

Ainda assim o total exportado concentra-se em alguns países tais como África do Sul, Nigéria e Egito. Em 2011 dos 70 bilhões de dólares exportados pela China, 18,8% correspondia foram para a África do Sul, 13% para Nigéria e 10% para o Egito. Países como Argélia e Libéria representam cerca de 7% das exportações totais chinesas cada um. (UNComtrade, 2010).

Tabela 2 – China: Principais países de destino das exportações chinesas na África (2011)

País	% das exportações totais
África do Sul	18,8%
Nigéria	13%

⁷ Com relação ao petróleo, por exemplo, ainda que a região do Oriente Médio seja a principal ofertante de petróleo mundial, com o maior número de reservas (com destaque para a Arábia Saudita), a África vem aumentando sua participação como produtora, especialmente em países como o Angola, Sudão e a Nigéria. Em 2008 o continente africano já atinge 10% do total de 1258 milhões de barris produzidos mundialmente; em 1988 a participação do continente era de 5,9% (*British Petroleum*, 2009).

País	% das exportações totais
Egito	10,3%
Argélia	6,3%
Libéria	7%
Outros	44,6%

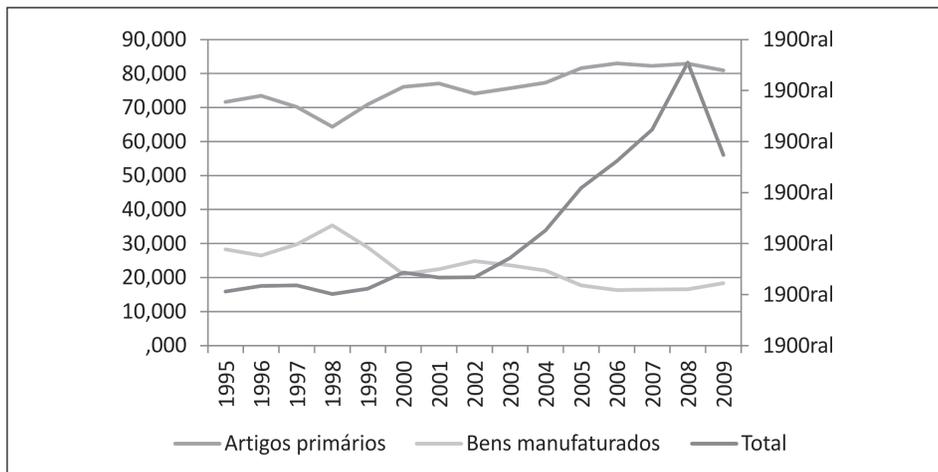
Fonte: Unctad, UnctadStat Database, 2011

Com relação à pauta exportadora, os dados mostram o predomínio das exportações de máquinas e produtos manufaturados. Em 2010 do valor total exportado pela China para a África, 42,16% correspondiam a máquinas e equipamentos e material de transporte; 19,16% representam artigos manufaturados diversos; e 5,68% produtos químicos e conexos. (UNCOMTRADE, 2010).

Segundo Ncube et al (2010) o volume representativo de exportações chinesas de artigos manufaturados para a África tem relação com o comércio de bens de consumo leves, como brinquedos eletrônicos e artigos têxteis, que contribuem para aumentar o nível de consumo dos países africanos em função dos baixos preços chineses. Já no caso do substancial montante de exportações de máquinas e equipamentos e materiais de transporte, os autores ressaltam que há uma forte relação com o aumento da presença das firmas chinesas no setor de infraestrutura (especialmente de telecomunicações), construção de ferrovias e construção civil. (NCUBE et al, 2010).

De modo geral, a quadro do comércio China-África revela um aumento expressivo das exportações africanas para a China (em 2010 a China já ocupa certa de 11% do total). O perfil destas exportações é principalmente de artigos primários e conta-se com baixa participação dos bens manufaturados. Quando se compara as exportações africanas para o resto do Mundo percebe-se que a participação dos bens manufaturados é mais significativa do que as exportações deste tipo para a China. O que reflete justamente o perfil das exportações altamente concentradas em bens primários, como mostram os gráficos abaixo.

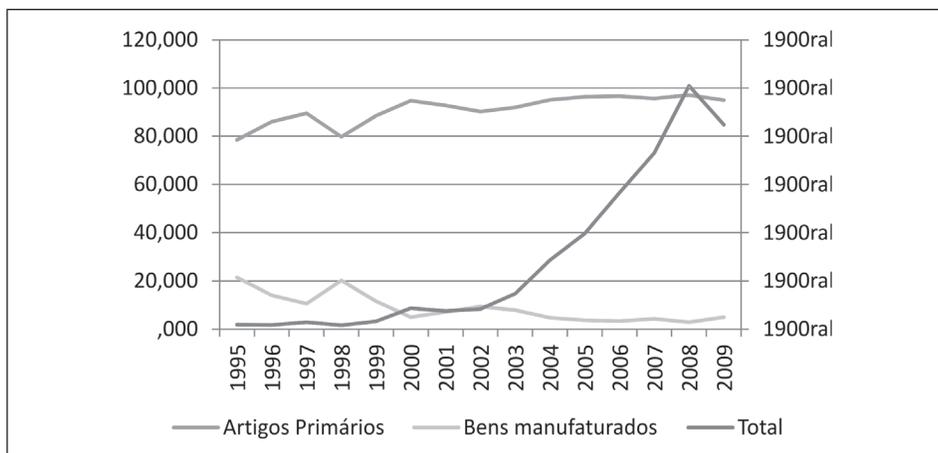
Gráfico 2 – África*: Exportações totais para o Mundo (bilhões dólares/eixo direito) e participação de artigos primários e bens manufaturados no total exportado (eixo esquerdo) (1995-2009)



*incluindo todos os países africanos

Fonte: Unctad, UnctadStat Database, 2011.

Gráfico 3 – África: Exportações totais para a China (bilhões dólares/eixo direito) e participação de artigos primários e bens manufaturados no total exportado (eixo esquerdo) (1995-2009)



Fonte: Unctad, UnctadStat Database, 2011.

Nos dois casos (exportações para o Mundo e para a China) predominam os artigos primários. No entanto, nas exportações africanas para o Mundo há uma participação maior de bens manufaturados (cerca de 20% do total) em comparação à parcela deste tipo de bem nas exportações africanas para a China. As exportações para a China de manufaturados representam menos de 10% do total exportado.

3. INVESTIMENTOS CHINESES NA ÁFRICA

Ao longo de mais de trinta anos a China foi a receptora de uma quantidade crescente de investimentos externos, absorvendo um total de mais de 1 trilhão de dólares de IDEs entre 1979 e 2010. Mais recentemente, após a consolidação do crescimento econômico, a situação se inverte e os chineses avançam expandindo seus próprios investimentos externos, com as empresas do país expandindo-se para diversas partes do mundo, apoiadas em um volume substancial de reservas acumuladas (cerca de 3,2 trilhões) e com o apoio do governo. (SHAMBAUGH, 2013).

No início dos anos 90, no Décimo Quarto Congresso do PCC, Jiang Zemin, presidente do país desde 1983, fez um discurso afirmando que o Partido iria garantir às empresas do país condições para operações externas. O discurso de apoio à expansão continua nos anos seguintes e, em 1996, voltando de uma visita à África, Jiang fez um discurso importante encorajando as firmas chinesas a saírem e cunhando pela primeira vez a expressão “*go out*”. (SHAMBAUGH, 2013).

Após a postura do governo de apoio à expansão, grandes empresas e conglomerados começaram a se expandir. A *China National Chemical Import and Export Corporation* (SINOCHEM) foi uma das primeiras a receber aprovação do Conselho de Estado a fazer experimentos externos. Depois desse movimento não apenas empresas de comércio expandiram-se, mas também empresas ligadas a setores manufatureiros, como a *Capital Steel and Iron Corporation* (SHOUGANG).

A partir dos anos 90 muitos governos locais e empresas foram estimulados a investir fora do país. Em 1992 os IDEs somavam um total de 913 milhões, em 1994 o total já passava de 4 bilhões de dólares. Em 2006 o fluxo de IDE's chineses para fora atingiu US\$21.16 bilhões (e de estoques US\$90.63 bilhões).

De acordo com o Ministério do Comércio chinês, em 2010 o fluxo de IDEs para fora foi de mais de 68 bilhões de dólares e o estoque acumulado foi de 317.2 bilhões. Cerca de 12 mil empresas nacionais estabeleceram-se em 177 países. (MOFCOM). Apesar da participação da China nos IDEs mundiais ser baixa, a expansão dos investimentos chineses é aspecto de grande relevância para a economia mundial, principalmente porque os fluxos de IDEs dirigidos a países em desenvolvimento crescem ao longo dos anos⁸.

A África e a América Latina têm sido destinos importantes para os Investimentos chineses. Os IDEs para a África, embora sejam parte pequena do montante total (9,8% em 2008) vêm expandindo-se principalmente a partir dos anos 2000. De 2003 a 2009 o fluxo de IDEs cresceu a uma média de 122% ao ano.

Segundo Kaplinsky et al (2009), desde os anos 90 as empresas estatais são as que mais realizam IDEs e são as que mais investem em setores relacionados à extração de recursos e infraestrutura. Além das gigantes do petróleo as maiores empresas chinesas com investimentos no exterior são do ramo de extração mineral, como a *Aluminum Corporation of China* e também da área de construção, como a *China State Construction Engineering Corporation (CSCEC)* e a *China National Construction & Agricultural Machinery*. (*Statistical Bulletin of China's Outward Foreign Direct Investment, 2008*).

Atualmente observa-se além das estatais um movimento de expansão de empresas de pequeno e médio porte, predominantemente do setor privado. Seriam empresas de diversos tipos, que surgem na China e se expandem para a África, ou mesmo que iniciam suas atividades nos países africanos a partir de iniciativas de empregados das grandes estatais ou de migrantes. Estas empresas geralmente operam em setores de manufatura e comunicação e também comércio. (KAPLINSKY e MORRIS, 2009).

Muitos investimentos diretos chineses tem se dirigido aos países africanos por meio também de Zonas Econômicas Especiais africanas. Segundo Brautigam et al (2010), as ZEEs tem sido um importante canal

⁸ Na lista dos maiores receptores de investimentos chineses estão Hong Kong, que em 2010 recebeu 38,5 bilhões de dólares, seguido pelas Ilhas Virgens (6 bilhões) e as ilhas Cayman (3 bilhões). Segundo Shambaugh (2013), isso é um fato importante dos investimentos chineses já que estes países poderiam ser vistos também como uma ponte ou plataforma para onde os IDEs chineses serão reconduzidos para outros destinos. Segundo o autor os chineses têm uma preferência por estas localidades dadas as facilidades de serviços financeiros e infraestrutura para realizar os IDEs. (SHAMBAUGH, 2013).

para os investimentos chineses na África. Como se sabe, a própria China empreendeu um amplo processo de criação de ZEEs em seu território ainda no período de abertura e reforma econômica com objetivo de atrair empresas estrangeiras e adquirir divisas e suporte tecnológico. (BRAUTIGAM et al, 2010; NCUBE et al, 2010; COWALOOSUR, 2010; *WHITE PAPER*, 2010)⁹.

Comparativamente aos países da OECD, que vem reduzindo ou variando muito seus investimentos no continente africano, a China mantém um nível crescente de investimentos na última década. Em 2008 o país chegou a ultrapassar os EUA, a Inglaterra e o Japão no volume de IDEs dirigidos aos países africanos. (OECD Stat Extracts 2012; *Statistical Bulletin of China's Outward Foreign Direct Investment*)

Segundo a maioria dos autores, os IDEs chineses são bastante diferentes dos investimentos provenientes de países ocidentais. Enquanto empresas norte-americanas e europeias, por exemplo, na maioria privadas, investem na África voltadas para objetivos de curto prazo, os IDEs chineses teriam um perfil fundado sobretudo em objetivos de longo prazo, realizados por meio de grandes empresas estatais, amparadas por uma estrutura de crédito e financiamento que lhes dá a possibilidade de trabalhar com horizontes mais amplos de investimento e com objetivos de lucratividade não imediatos. Além disso, os investimentos chineses, mesmo concentrados em projetos ligados a exploração de recursos naturais, tem sido também dirigidos a grandes projetos de infraestrutura, como se verá em seguida.

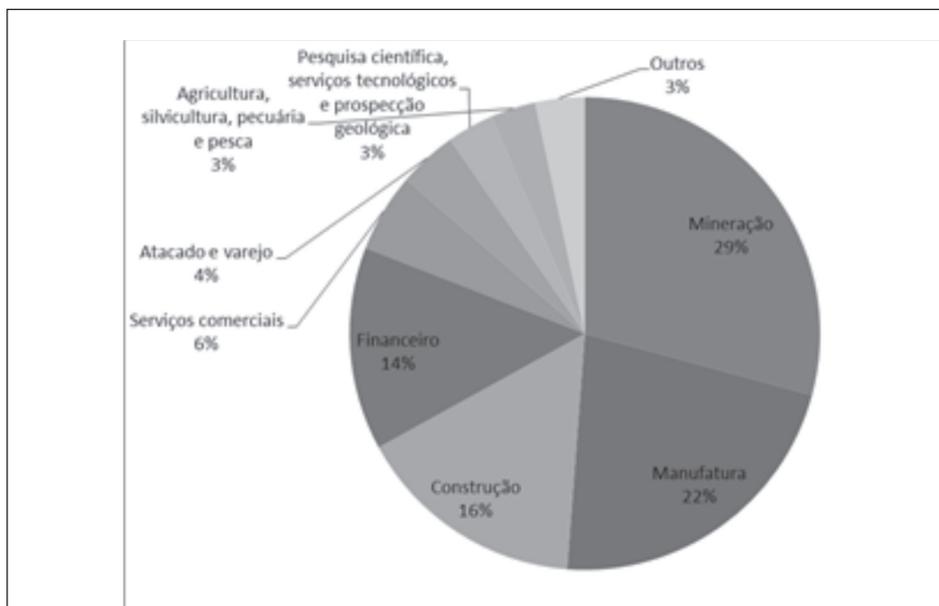
Assim como o comércio, os IDEs dirigidos à África são bastante concentrados em alguns países. Entre 2003 e 2009 os maiores destinos dos IDEs chineses no continente foram África do Sul (48,9%), Nigéria (9,2%), Zâmbia (5,2%) e Argélia (6,7%). (NBSC; *Statistical Bulletin of China's Outward Foreign Direct Investment* (2006, 2008 e 2009).

⁹ A iniciativa de criação das ZEEs africanas começa em 2006, quando o Governo chinês anunciou que iria apoiar a criação de cerca de 50 zonas de cooperação econômica e comercial na África. Segundo os autores, das 19 zonas aprovadas, 5 estão na África Subsaariana: na Etiópia, Mauritius, Nigéria e Zâmbia. Dois outros projetos estão ocorrendo na Argélia e Egito. Existem também outras zonas industriais chinesas que são iniciativas privadas sem um suporte oficial do governo, em países como Botsuana, Serra Leoa e África do Sul. (BRAUTIGAM et al, 2010). Em uma das ZEEs da Nigéria, por exemplo, que começou a ser criada em 2004, cerca de 500 milhões de dólares estão sendo investidos em indústrias de materiais de construção e cerâmica, ferragens, móveis, processamento de madeira, medicina, computadores e iluminação. Na Etiópia e em Mauritius investimentos de cerca de quase 1 bilhão de dólares estão sendo feitos com foco em indústrias de manufatura (têxtil, vestuário, máquinas, de alta tecnologia), comércio, e serviços (turismo, finanças). (BRAUTIGAM et al, 2010).

Com relação ao tipo de investimento que predomina (as principais áreas que recebem os Investimentos chineses) destaca-se uma diversidade, incluindo setores de mineração, manufatura, construção, infraestrutura e ainda agricultura e pesca¹⁰.

Em 2009, de acordo com documento oficial do governo Chinês (White Paper, 2010) os principais investimentos chineses na África eram relacionados às áreas de exploração mineral, financeira, manufatura, construção, turismo, agricultura, florestas, agricultura e pesca. (White Paper/Gov. China, 2011). O gráfico 4 apresenta a distribuição dos IDEs por áreas em 2009.

Gráfico 4 – China: Fluxo de IDEs para a África – principais áreas (2009)



Fonte: White Paper. *Chinese Government's Official Web Portal*, 2011

Mineração, manufatura e construção aparecem entre as áreas mais contempladas pelos IDEs chineses na África (cerca de 67% somados), além da área financeira.

¹⁰ As estatísticas sobre IDEs oferecidas pelo Ministério de Comércio chinês não apresenta a classificação dos Investimentos por setores. Os dados utilizados aqui são de fontes secundárias e de documentos fornecidos pelo Governo chinês.

Na área de **mineração** um setor fundamental que atrai a maior parte dos investimentos chineses é o de **energia/petróleo**. Até o ano 2000 a China restringia sua aproximação na África ao Sudão, com a *China National Petroleum Corporation (CNPC)* como líder na exploração do petróleo. Mais recentemente as empresas chinesas operam em quase 20 países africanos tanto em setores de petróleo como derivados e vem se posicionando de forma estratégica, disputando mercados até então ocupados por empresas ocidentais ou da própria região. (ERA, 2009).

A partir dos anos 2000 a China entra na indústria petrolífera africana em países como Angola e Nigéria e também em países menos explorados, como Chade, Mauritania, Níger e Guiné Equatorial. À frente da política de expansão chinesa no setor petrolífero, como visto, estão as grandes estatais chinesas.

Em Angola os investimentos chineses têm representado importante impulso para expansão das exportações do país. No caso da Nigéria, o impacto da entrada das empresas chinesas também é visível. O país é um dos maiores da África e um dos mais ricos, além de ter um papel político influente na região da África Ocidental. Para os chineses é um local estratégico na região do Golfo da Guiné, além de ser um grande mercado consumidor de cerca de 130 milhões de pessoas e, principalmente, possui vastas reservas de petróleo.

Outro setor importante da área de mineração é o de **extração de minérios**, tais como o minério de ferro, aço, o cobre, bauxita e diversos outros. Esse setor é onde a China tem de fato um poder fundamental. Isto porque o país é um dos maiores importadores do mundo, determinando preços e influenciando o volume exportado de diversos países. Existe na China uma preocupação do governo voltada para a garantia de oferta de longo prazo dos minérios e não apenas de compra e importação, dada a ampla necessidade do país em garantir os recursos para ampliação do crescimento industrial. O apoio a empresas que procuram engajar-se em investimentos externos na área de mineração é claro por parte do governo chinês, dada a identificação da necessidade de controle da cadeia de fornecimento, mais do que apenas importar o minério.

Na região central e sul da África Subsaariana é possível encontrar vastas reservas de minérios como cobre, aço, ouro, manganês e outros, em países como África do Sul, Tanzânia, Moçambique e, principalmente, na Zâmbia, que dispõe de amplas reservas de cobre e ainda carvão e manganês.

Além da Zâmbia outro país onde o setor de mineração tem sido bastante contemplado pelos investimentos chineses é a República Democrática do Congo (RDC). O país foi cenário de um dos maiores acordos realizados até agora entre China e África envolvendo contratos de exploração de minérios, como cobre e cobalto. Chamado de “contrato do século” o acordo teve ampla repercussão em todo o mundo e despertou discussões e julgamentos sobre o papel que a China vem exercendo nos países africanos¹¹.

Outros casos relacionados ao setor de mineração podem ser apontados, como o caso da Guiné. Em 2008 o país começou a rever suas concessões de exploração de aço e bauxita, tradicionalmente nas mãos de grandes corporações ocidentais. A China chega ao país e, após uma série de conversas e visitas entre membros dos dois países, oferece-se uma série de apoios e investimentos que fazem a diferença na disputa pelas concessões e direitos de exploração.

Além das áreas de energia e mineração, a área de manufatura corresponde a boa parte do destino dos IDEs chineses na África. Um setor importante aqui é o de telecomunicações. As empresas chinesas buscam principalmente mercados consumidores para seus produtos, além de posições como fornecedoras de partes e componentes de outras firmas na África.

Empresas como a Huawei, Alcatel Shanghai, China Mobile e ZTE vem se expandindo para países africanos, tanto como fornecedores de produtos finais (como celulares) como também fornecedores de partes e componentes. Os maiores mercados africanos para as companhias chineses da área de telecom são Argélia, Egito, Tunísia, Marrocos e África do Sul, eles são responsáveis por 60% do total de ativos da área de telecom.

Além das áreas de mineração e manufatura, a agricultura também se apresenta como área importante do envolvimento chinês nos países africanos. Apesar dos chineses produzirem quase o total daquilo que consomem o país está se aproximando do limite no que se refere à segurança alimen-

¹¹ No final de 2007 a China anunciou a realização de empréstimos de cerca de 5 bilhões de dólares à República Democrática do Congo para o desenvolvimento de infraestrutura no país. A este empréstimo seguiu-se outro de 3,5 bilhões para realização de investimentos em projetos de mineração, em janeiro de 2008. No total a China concedeu financiamento de cerca de 9 bilhões de dólares à RDC, destinados a infra-estrutura, construção, melhoramento de vias de transporte rodoviário e ferroviário e também para melhorias nos projetos de mineração. Todos estes empréstimos ocorreram em troca de concessões para que empresas chinesas pudessem explorar minas de cobre e cobalto. A China ganhou o direito de extrair cerca de 10 milhões de toneladas de cobre e 420 toneladas de cobalto nos próximos 15 anos. (Stephanie Wolters, MAIL AND GUARDIAN, 2009; LEE, 2009).

tar, que seria cerca de 120 milhões de hectares de área agricultável. (*The Economist*, 2008, p. 54.).

Segundo Brautigam e Xiaoyang (2009), mais de 44 países africanos tem recebido projetos de ajuda e cooperação com o governo chinês e os chineses têm desenvolvido mais de 90 fazendas através dessa ajuda. Os projetos de agricultura têm representado cerca de um quinto de um total de 900 projetos chave entre a China e a África desenvolvidos pela China entre 1960 e 2006. Ao longo dos anos diversos programas e políticas têm sido desenvolvidos pelo governo no sentido de facilitar e apoiar a expansão da agricultura chinesa para além das fronteiras do país. O Ministério do Comércio Exterior e Cooperação Econômica, o Ministério das Relações Externas e o Ministério da Agricultura chineses começaram a realizar uma série de atividades para promover e divulgar as possibilidades de agricultura na África, dando ênfase para a disposição do governo em apoiar as empresas a se expandir. Este apoio se dá através de facilidades de empréstimos e assistência técnica.

3.1. Investimentos em Infraestrutura

Para a África a área de infraestrutura é chave no processo de aproximação da China. Os investimentos chineses, sejam eles nas áreas de mineração, petróleo ou telecomunicações estão ligados a expansão dos investimentos em infraestrutura realizados pelas próprias empresas chinesas ou pelos africanos, mediante montantes expressivos de financiamentos que surgem a partir do EximBank.

A possibilidade de ampliação da infraestrutura em países com alta carência do mínimo de infraestrutura de transporte, energia e construção apresenta-se como componente chave das negociações envolvendo governo africanos e a China a partir da estratégia do país asiático de acesso a mercados e fontes de recursos primários.

A China declarou no âmbito das reuniões das Nações Unidas para os Objetivos do Milênio que o setor de infraestrutura era central no seu programa de ajuda na África (BRAUTIGAM, 2009). Diferentemente dos países ocidentais que cada vez mais direcionam a ajuda externa para áreas de assistência social e humanitárias, os chineses tem no fomento a projetos de infraestrutura parte importante de sua estratégia na África.

Em 2006 no âmbito dos debates em torno do FOCAC, Fórum de Cooperação China-África, o governo chinês deixa claro que a área de infraestrutura seria essencial nos projetos em torno da cooperação com a África. Em documentos como o “*African Policy Paper*” e o *Beijin Action Plan* (2007-2009) o governo apresenta objetivos de cooperação e contribuição para o desenvolvimento econômico dos países africanos através dos investimentos em infraestrutura. (*AFRICAN POLICY PAPER, 2006. Ministry of Foreign Affairs, the People’s Republic of China; BEIJING ACTION PLAN (2007-2009)*)

Os projetos de infraestrutura conduzidos pelos chineses na África relacionam-se a diversas áreas como construção de rodovias, aeroportos, hospitais, prédios de governos, escolas, hidrelétricas e represas. Em documento recente do Banco Mundial intitulado “*Building bridges: China’s growing role as infrastructure financier for Sub-Saharan africa*”, Foster et al (2008) mostram que a maior parte dos projetos em infraestrutura realizados pela China nos países africanos são em setores como geração de energia (hidrelétrica) e também no setor de transportes (ferrovias). Seriam mais de 35 os países africanos engajados em projetos com os chineses. Entre os maiores estão a Nigéria, Sudão, Angola e Etiópia. O financiamento para realização destes projetos de infraestrutura ocorre principalmente via EximBank, mediante condições que são menos onerosas comparativamente àquelas oferecidas por países da OECD, por meio do Official Development Assistance (ODA). (FOSTER et al, 2008).

A estimativa dos autores mostra que os compromissos firmados entre a China e os países da África Subsaariana alcançaram em 2006 valores em torno de 7 bilhões de dólares. Esse número relaciona-se a valores envolvidos em acordos firmados oficialmente, projetos que estão em processo de execução e projetos concluídos.

Com relação à distribuição setorial destes montantes, dos compromissos firmados cerca de 33% são em geração de energia (hidrelétrica), 33% em transporte (ferrovias) e ainda 17% em telecomunicações. (Foster et. al (2008) (elaboração a partir de World Bank–PPIAF Chinese Projects Database, 2007)

Entre alguns destes projetos estão grandes construções de hidrelétricas e represas, rodovias e ferrovias em diversos países africanos.

4. FLUXOS FINANCEIROS

A expansão dos investimentos chineses na África está fortemente relacionada ao aumento dos fluxos financeiros concedidos aos governos africanos, a partir de instituições chinesas, como o China EximBank. Estes fluxos, que são concedidos também a empresas chinesas dispostas a investir externamente, são parte fundamental da estratégia chinesa de expansão não apenas para a África mas para diversos países.

Os fluxos financeiros ocorrem tanto através de linhas de créditos especificamente dirigidas a projetos voltados ao desenvolvimento como a projetos de infraestrutura ou para áreas sociais e humanitárias, além de recursos destinados a projetos de cooperação ou assistência técnica em diversas áreas.

No caso da China na África a ajuda se dá principalmente através de grandes fluxos financeiros que são concedidos a governos africanos por meio de empréstimos. Estes empréstimos têm sido um componente importante da aproximação chinesa no continente.

Além dos empréstimos aos governos, outra parte dos fluxos financeiros são destinados via apoio a projetos de assistência técnica, projetos de cooperação e cancelamento de dívidas, que são considerados também como “ajuda” financeira.

Grande parte destes fluxos, principalmente os empréstimos, surge a partir do China Development Bank e principalmente do EximBan. Os fluxos a partir do EximBank vêm aumentando substancialmente nos últimos anos, o que explica a vantagem que a China assume na disputa por projetos de exploração de recursos e investimentos externos. Em 2010 o EximBank concedeu um total de US\$ 32 bilhões de fluxos financeiros, incluindo créditos à exportação, empréstimos concessionados e garantias. (EximBank Anual Report, 2011).

A grande dificuldade com relação à descrição dos fluxos financeiros a partir da China é que, ao contrário dos fluxos de comércio e Investimentos Diretos Externos, que são declarados oficialmente, o governo chinês não disponibiliza os dados totais de fluxos e ajuda financeira, tal como fazem os países ocidentais. Há uma forte relutância por parte do governo em divulgar estes dados. Os poucos dados disponibilizados pelo governo e pelas

instituições financeiras, como o EximBank, não são desagregados, nem por países nem por setores. Essa dificuldade faz com que alguns autores (Brautigam, 2009) procurem adicionar às estatísticas disponíveis algumas estimativas mais detalhadas, elaboradas com base em documentos oficiais e declarações do governo chinês.

Os empréstimos e fluxos financeiros têm importância fundamental na estratégia de aproximação do país. Esta estratégia de aproximação corresponde a uma articulação interna realizada pela China, que une grandes empresas estatais, governo e instituições de financiamento. Ainda que não se possa falar de um modelo ou padrão, parece clara a existência de uma política externa baseada em uma convergência entre os objetivos das empresas e os objetivos estratégicos do Estado chinês, voltados principalmente para a garantia de recursos naturais e para expansão de mercados. Todos estes objetivos fariam parte da mesma estratégia.

De acordo com Brautigam (2009) cerca de 60% do portfólio do EximBank consiste atualmente de créditos concedidos para exportadores (*exports sellers's credits*), que são empréstimos preferenciais concedidos a empresas chinesas que operam fora da China. Há também uma parcela do portfólio destinado aos *exports buyers's credits*, que são créditos concedidos a compradores das exportações chinesas. Além destes créditos o EximBank oferece também os “*concessional loans*”, empréstimos realizados com taxas de juros baixas e prazos longos e ainda as “garantias”.

O Eximbank possui atualmente um volume de recursos muito elevado, aumentando a cada ano sua capacidade de financiamento. A Tabela 1 apresenta o portfólio do banco ao longo dos últimos anos.

Tabela 1 - China Eximbank – Portfólio (bilhões de dólares) (2006-2010)

	2006	2007	2008	2009	2010
<i>Exports seller's credits</i>	12,8	16,3	19,4	25,8	21,5
<i>Exports buyer's credits</i>	1,9	2,3	2,7	4,3	4,9
Garantias	0,5	1,2	1,2	1,0	1,5
<i>Concessional loans</i>	0,7	1,1	1,8	3,0	5,0
Total	15,9	20,9	25,2	34,1	32,9

Fonte: EximBank Annual report, 2010. (conversão própria do reimimbi para dólar); Brautigam, 2009 (estimativa)

Uma ideia mais clara da dimensão destes valores pode ser obtida mediante a comparação com os montantes oferecidos pelo Banco Mundial nos anos recentes. Segundo o Banco Mundial, em 2010 foram oferecidos cerca de 43 bilhões de empréstimos e ajuda externa, isto inclui montantes referentes aos recursos do *International Bank of Reconstruction and Development* (IBRD) e do *International Development Association* (IDA), ambas classificações do Banco Mundial (World Bank Annual Report 2012). Os empréstimos do EximBank atingiram em 2010 quase o volume total dos empréstimos concedidos pelo Banco Mundial (32,8 bilhões de dólares).

Ainda segundo dados do Banco Mundial, daquele valor total de empréstimos concedidos a todo o Mundo em 2010, 16% foram destinados a África, o que representa cerca de 6,8 bilhões de dólares (World Bank, Annual report, 2011). Tal valor representaria pouco mais do que o total investido pelo EximBank na África, segundo as estimativas elaboradas por Brautigam (2009)¹². De acordo com a autora, os dados do Eximbank e as estimativas realizadas revelam que já em 2007 o Eximbank sozinho concedeu apenas para a África cerca de 6 bilhões de dólares, incluindo tanto os *concessional loans* como os créditos e garantias.

Mas os empréstimos e garantias oferecidas pelo EximBank não são os únicos instrumentos através dos quais a China se aproxima financeiramente dos países africanos.

Para se ter uma ideia dos fluxos financeiros totais é preciso somar aos valores do EximBank a parcela do orçamento do governo chinês que é destinada à ajuda externa, a *external assistance*. Estes valores são disponibilizados pelo governo em suas estatísticas oficiais. Desde os anos 90 a assistência externa chinesa para o mundo vem aumentando progressivamente e já em 2006 ultrapassa 1 bilhão de dólares. Em 2009 este montante chega a 1.5 bilhão. Deste total, a assistência dirigida à África representou em 2009 cerca de 600 milhões de dólares. (National Bureau of Statistics of China).

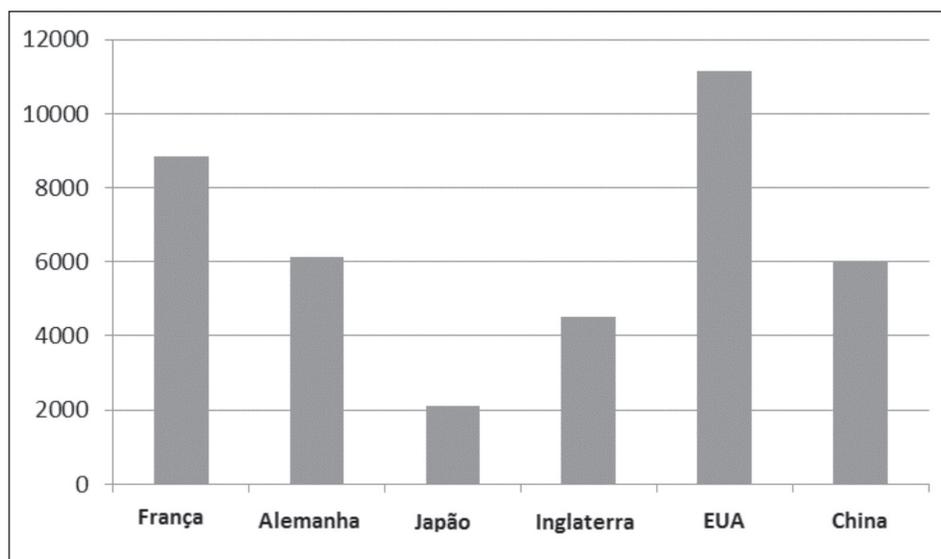
Além desta parte do orçamento também é preciso considerar como outro componente dos fluxos financeiros chineses as dívidas canceladas

¹² O valor total do portfólio do EximBank não é divulgado pela China. Isto porque, o banco a partir de 2002 parou de divulgar em seu anuário o montante de financiamento dos *concessional loans*, sendo divulgado apenas os *exports buyer's credits*, *seller's credits* e garantias. Brautigam então estimou a partir de 2002 o volume dos *concessional loans* realizados pelo Eximbank não só na África, mas em todo o Mundo. A partir do valor divulgado em 2001, de US\$ 128 milhões de dólares e com base em proposta firmada pelos representantes do EximBank, publicada em documento oficial, que previa um crescimento de 35% ao ano nos empréstimos, a autora estimou o volume dos anos seguintes.

(*debts relief*). Segundo estimativas de Brautigam os valores relativos aos cancelamentos de dívida totais realizados pela China chegam a cerca de 400 milhões de dólares anuais a partir de 2000 até 2008.

Outros países membros da OECD estipularam uma medida única do que eles chamam de ajuda externa, que é a ODA (*official development assistance*) que representaria a união daqueles instrumentos de ajuda que, no caso da China, foi preciso um esforço para unir (Brautigam, 2009). Ao reunir-se todos os canais através dos quais os fluxos financeiros chineses chegam aos países africanos (além da ODA outros fluxos, os OOF - *other official fluxs* - e também os fluxos privados, mais os outros componentes do EximBank como os exports buyer's credits, seller's credits e garantias) e comparando estes montantes com o dos países ocidentais, percebe-se que a China se coloca como um dos maiores financiadores da África nos anos recentes. O gráfico abaixo apresenta o resultado.

Gráfico 5: Ajuda externa total para a África (ODA+OFF+privados) países da OECD e China (bilhões de dólares) (2009)



Fonte: OECD Stats; BRAUTIGAM, 2009.

A China vem se posicionando como grande fornecedora de recursos ao continente africano. Em 2009 o país fica ao lado de países como Alema-

nha e à frente do Reino Unido e Japão como grandes provedores da ajuda externa à África.

Esta realidade da expansão dos empréstimos do EximBank e da ajuda oferecida pelo governo à África faz parte, como dito anteriormente, de um projeto amplo de fortalecimento das relações da China com diversos países africanos, que resulta em grande medida de um esforço político voltado para estabelecimento de canais diplomáticos e âmbitos de discussão relacionados a projetos de cooperação, seja dentro do Ministério do Comércio como do Ministério dos Assuntos Exteriores ou do FOCAC (Fórum de Cooperação China-África). Estas instituições são bases fundamentais para a promoção da expansão dos financiamentos chineses e dos programas de cooperação.

A atuação de vários âmbitos de governo juntamente com as empresas e as instituições de financiamento conforma a articulação interna chinesa de expansão para a África. As instituições financeiras, principalmente o Eximbank, fornecem o diferencial da política de expansão, uma vez que os empréstimos têm o potencial de aporte para que os governos africanos possam suprir carências históricas de seus países.

5. CONCLUSÃO

Como se observou as relações entre a China e África vêm se intensificando consideravelmente nos últimos anos. Fluxos comerciais, investimentos e empréstimos para a África aumentam substancialmente a partir da última década.

O estabelecimento da China como polo comercial mundial vem fazendo com que o país amplie estas relações com os países da África, a partir de um imperativo relacionado à necessidade de acesso aos recursos primários. Tanto os fluxos comerciais como os investimentos na região estão ligados ao acesso a recursos primários, ainda que a busca por mercados de consumo também venha determinando o perfil dos investimentos chineses no continente.

A descrição do quadro geral da aproximação da China na África permitiu observar que alguns países tais como África do Sul e Angola estão entre os que mais exportam para China produtos primários, tais como petróleo e minério. Estas vem sendo as principais exportações africanas para a China nos últimos anos.

Já as exportações chinesas para a África distribuem-se por diversos países e correspondem a artigos manufaturados, bens leves e também equipamentos de transporte e maquinários.

Com relação aos investimentos observa-se um peso importante dos IDEs para o setor de energia, extração de petróleo e minérios. Diversos projetos distribuem-se por toda a África voltados para exploração primária.

Além disso os investimentos chineses no setor de infraestrutura na África são consideráveis. Grandes montantes de recursos são disponibilizados para construção de hidrelétricas, ferrovias, rodovias, represas e diversos outros projetos essenciais para a recuperação das economias africanas, muitas delas destruídas pelas guerras nos anos 90.

Como se observou a aproximação chinesa na África ocorre a partir de uma articulação interna dirigida para a ampliação das relações sino-africanas. Esta articulação uniria três elementos: o governo chinês, interessado na garantia do fornecimento dos artigos primários essenciais a continuidade do crescimento do país; as instituições financeiras, principalmente o EximBank, que dispõe de um volume substancial de recursos; e as empresas estatais chinesas.

A partir dessa articulação o movimento geral parece seguir certa lógica de aproximação. O governo, amparado em uma capacidade financeira surpreendente, se dirige aos países africanos oferecendo grandes volumes de recursos, através de créditos e empréstimos aos países africanos. Nesse momento o papel das instituições financeiras e principalmente do EximBank é fundamental, concedendo empréstimos volumosos, a prazos longos e sem condicionalidades.

Com os acordos financeiros consolidados, as empresas chinesas entram nos países africanos investindo em projetos de exploração de recursos primários, principalmente de petróleo e mineração. Além disso as empresas chinesas entram também na área de construção, assumindo a condução dos projetos de infraestrutura. Juntamente com estes investimentos e com vistas ao mercado de consumo africano, empresas chinesas da área de manufatura e telecomunicações também se expandem na África, construindo subsidiárias e vendendo produtos manufaturados.

É a partir desta articulação que se explica o aumento surpreendente dos fluxos comerciais e de investimentos observados entre a China e a África. As empresas chinesas estabelecem-se na África e a partir daí garantem o

fluxo de recursos naturais. Estas empresas têm vantagens com relação a outras empresas estrangeiras, uma vez que o governo chinês, por meio do EximBank, tem a capacidade de conceder empréstimos de grande porte para governos que precisam de recursos.

CHINESE EXPANSION IN AFRICA: TRADE, INVESTMENT AND FINANCIAL FLOWS

Abstract

The African continent is stated recently as an important frontier of expansion to China, because the vast availability of natural resources and by the consumer market potential for Chinese products. From a strategic joint that connects financial institutions, state enterprises and government, China is approaching more and more of the continent's countries. The article presents the broad strokes of Chinese expansion in Africa in recent years related to the increase of trade flows, foreign direct investment and financial flows

Keywords: China; Africa; Trade and Investments; Financial Flows

JEL Classification: F15; F54

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFRICAN POLICY PAPER, 2006. Ministry of Foreign Affairs, the People's Republic of China <http://www.fmprc.gov.cn/eng/zxxx/t230615.htm>

BEIJING ACTION PLAN (2007-2009). Forum on China-Africa Cooperation. Disponível em: <http://www.fmprc.gov.cn/zflt/eng/zyzl/hywj/t280369.htm>

BLANKENDAL, Nzinga (2008). *“China's Energy Supply Security: The Quest for African Oil”*. Msc Political Science Thesis (International Relations). International School for Humanities and Social Sciences University of Amsterdam.

BRAUTIGAM, Deborah (2009). *“The Dragon’s Gift – the reall history of China in Africa”*. Oxford Press, 2009.

BRÄUTIGAM, Deborah; XIAOYANG, Tang. (2009). “China’s Engagement in African Agriculture: “Down to the Countryside””. *Foreign Affairs*. The China Quarterly, 199, September 2009, pp. 686–706

BRAUTIGAM Deborah, FAROLE Thomas, and XIAOYANG Tang, (2010). *“China’s Investment in African Special Economic Zones: Prospects, Challenges, and Opportunities.”* Poverty reduction and economic management (prem) network. World Bank. Number 5

BRITISH PETROLIUM, (2009). “Statistical Review of World Energy”. <http://www.bp.com/>

COWALOOSUR, Honita. (2010). *“Exporting Zones to Africa: The New Strategy of Asian Powers.”* University of St Andrews. The Nordic Africa Institute. In: <http://www.nai.uu.se/ecas-4/panels/1-20/panel-2/>

ERA - Executive Research Associates. (2009). *“China in Africa – Strategic Overview.”* Disponível em http://www.ide.go.jp/English/Data/Africa_file/Manualreport/pdf/china_all.pdf

EXIMBANK. Annual Reports. (vários anos). <http://english.eximbank.gov.cn/>

FOSTER, Vivien; BUTTERFIELD, W.; CHEN, C.; PUSHAK, N.(2008). *“Building Bridges - China’s Growing Role as Infrastructure Financier for Africa.”*. Trends and policy options. no.5. publication forthcoming. The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank.

KAPLINSKY, Raphael; MORRIS, Mike (2009). “Chinese FDI in Sub Saharan Africa: engaging with large dragons”. *European Journal of Development Research Special*. Issue, Vol. 24, No. 1.

LEE, Peter. (2009). “China’s copper deal back in the melt”. *AsiaTimes*. Disponível em: http://www.atimes.com/atimes/China_Business/KF12Cb02.html

MINISTRY OF COMMERCE PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA (MOF-COM). “*Statistical Bulletin of China’s Outward Foreign Direct Investment (vários anos)*”. <http://english.mofcom.gov.cn/>

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA (NBSC). China Statistical Yearbook. Vários anos. <http://www.stats.gov.cn/english/>

NCUBE, Mthuli; LUFUMPA, Charles L.; NDIKUMANA, Leonce. (2010). “*Chinese Trade and Investment Activities in Africa*”. Policy Brief. Volume 1, Issue 4. The African Development Bank Group Chief Economist Complex.

RIBEIRO, Valéria Lopes. A expansão chinesa e seus impactos na África na primeira década do século XXI. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013.

SHAMBAUGH, David. (2013). “*China Goes Global – A partial power*”. Oxford University Press.

OECD. StatExtracts Database. <http://stats.oecd.org/#>

TAYLOR, Ian. (2009). “*China’s New Role in Africa*”. 2009. Lynne Rienner Pub.

USGS. U.S. Geological Survey. 2009. Minerals Yearbook. África. *The Mineral Industries of Africa*. Harold R. Newman, Omayra Bermúdez-Lugo, Philip M. Mobbs, Mowafa Taib, Glenn J. Wallace, David R. Wilburn, and Thomas R. Yager

UNComtrade. Database. <http://comtrade.un.org/db/>

UNCTAD. UnctadStats Database. <http://unctadstat.unctad.org/>